

## Primeira coluna

OS FRUTOS DA  
TERRA

L.M.

Estão saindo da tipografia os primeiros exemplares das "Nourritures Terrestres", de André Gide, em tradução brasileira, aliás excelente, de Sergio Millet, sob o nome de "Frutos da Terra". Coube-me o prazer e a honra de escrever o prefácio para essa cuidada edição da "Fusão Européia do Livro" — e foi com emoção que falei de obra e de autor que tanto admirei.

As "Nourritures". Não há livro mais capcioso, mais sensual e mais jovem. E' preciso procurar, nas literaturas orientais, algo que se assemelhe a esse delírio, a essa embriaguez, a esse desafiador orgulho de viver. Certos momentos de Omar Khayyam têm essa exaltação — mas Omar Khayyam, que só conhecia o prazer através do vinho, é mais desencantado e mais triste. Mais solitário também. A embriaguez não é um vício alegre.

O humanismo de Gide é de fundo sensual:

"Penso, logo existo. E' neste que tropeço".

Porque, explica, das três posições: "Penso que sou; creio que sou; sinto que sou", a última é a única verdadeira: "visto que penso que talvez não implique que eu seja".

Essa sensualidade atinge um estado de paroxismo lírico nas "Nourritures". Tenho para mim que, na obra de Gide, esse inquietante livro de evasão e de volúpia representa uma espécie de roteiro, brevíssimo e sumo de toda a moral gideana. Dizendo isto, não esqueço que o grande escritor recusava-se a ser julgado como moralista, reclamando um enquadramento exclusivamente estético para quem pretendesse estabelecer uma definição crítica de sua produção literária. Nas próprias palavras do mestre: "O ponto de vista estético é o único em que se deve colocar quem queira falar honestamente da minha obra".

Thibaudet achava que as "Nourritures" eram uma espécie de "carnet" ou "jornal" do "Immoraliste". Ora, quem conhece toda a saga, melhor direi talvez, epopéia gideana, visto que se trata de uma apologia heroica da liberdade humana, sabe que o seu ponto de partida é exatamente o "Immoraliste", primeira manifestação, no campo da estética, de uma atitude moral que teria sua definição extrema no "Corydon". E este será permanentemente o programa de Gide, como escritor: em face das convenções, dos equívocos e das hipocrisias da moral burguesa, ele será sempre, por antítese — o "imoralista".

## Itinerário de artes plásticas

## Varios diretores italianos em um filme

ROMA, 17 (AFP) — "Boccaccio 70", o filme cuja primeira parte é realizada atualmente por Federico Fellini em Roma com Anita Ekberg, compreende outros episódios que serão dirigidos por Vittorio de Sica, Luchino Visconti e Mario Monicelli (realizador de "A Grande Guerra", Leão de Ouro de Veneza em 1959). As heroínas destes episódios serão respectivamente Sofia Loren, Romy Schneider e "uma grande vedeta norte-americana", anunciaram os produtores Carlos Ponti e Joseph Levine.

Isto tem um sentido: inconformismo. Gide foi a vida toda um "protestante" — não no sentido sectário de praticante da religião de família, que abandonou — mas na acepção mais larga, verdadeira e humana do indivíduo "que protesta".

Daí sua permanente atualidade. Hoje, mais do que nunca talvez, o mundo está necessitado de homens dessa espécie. Relê-lo é sempre um prazer.

## Brasileiros na VI Bienal e na II Bienal de Paris

Na programação da VI Bienal foi dado relevo especial a salas dedicadas a artistas brasileiros — a pintura brasileira, a gravura realizada por um grande mestre e pioneiro, receberam da direção do MAM toda a atenção, e assim se acham programadas onze salas em que teremos um panorama, ao mesmo tempo histórico e qualitativo de nossa pintura e das artes do desenho.

Imprimiu sua inspiração a essa demonstração tão variada e tão numerosa, um pensamento de balanço das nossas artes e dos nossos artistas, na altura do décimo ano de realização das Bienais. Ficou, assim, patenteado, também, o interesse por que na confrontação internacional, possuamos todos os elementos com que enfrentar a arte dos países concorrentes, com todas as nossas qualidades e nossos defeitos, de formação e desenvolvimento técnico.

Artistas que vieram dos inícios da renovação artística no Brasil, ligados ainda à longínqua Semana de Arte Moderna de 1922, compendiando, portanto, quarenta anos de trabalho na pesquisa e na criação artística, aqui comparecem, dando-nos uma completa manifestação do seu esforço realizador, reconhecido e premiado pelas Bienais que desde 1951 começaram a projetar o balanço das artes plásticas. Agora, caberá à VI Bienal a última demonstração desse levantamento, no plano nacional e internacional.

Ao mesmo tempo em que se efetua esta realização, em setembro também, inaugura-se em Paris a II Bienal dos jovens artistas, em que comparecem pintores, desenhistas, gravadores e escultores até trinta e cinco anos, e a geração mais nova estará presente, mais uma vez. Da vez anterior, dois prêmios couberam a brasileiros: Manabu Mabe e Marcelo Grasmann. Desta vez, uma representação maior foi formada, com uma seleção operada pelos Museus de Arte Moderna de S. Paulo e da Guanabara, com assistência do Ita-

marati. Essa seleção, que representará o Brasil, na França, na II Bienal de Paris, enquanto na VI Bienal de S. Paulo onze salas especiais dão uma demonstração da vitalidade da arte brasileira, estará formada por trabalhos dos pintores Fabio Barbosa, Paulo Becker, Willys e Castro, Rubem Mario Luolf, Flavio Shiro, Teresa Nicolau, Ivan Moraes, e Loio Persio; dos gravadores Mario Carneiro, Artur Luiz Piza, Servulo Esmeraldo, Ana Leticia, José Lima, Dorothy Bastos e Samico; do desenhista Darcy Penteado, da escultora Mary Vieira e de ilustrações também de Darcy.

Em setembro, portanto, em Paris e em S. Paulo, a arte brasileira se manifestará com uma afirmação brilhante nas duas Bienais.

## Fiaminghi expõe em Campinas

Com uma apresentação de Decio Pignatari, o pintor Hermelindo Fiaminghi, está expondo, a partir de ontem, em Campinas, na Aremar, à rua General Osório, 1223, com varia técnica, que inclui quadros a óleo e esmalte sobre eucatex. Decio Pignatari diz de Fiaminghi: "Seus últimos trabalhos sobre tela, formam uma série de aproximações ao problema da cor-luz, que apontam necessariamente para um controle mais rigoroso de sua manipulação. As artes gráficas dispõem de varios recursos para esse tipo de controle — e o seu caminho é um caminho natural para Hermelindo Fiaminghi, tendo em vista o dever de sua arte".

## O Salão Nacional de Arte Moderna

Inaugura-se na terça-feira desta semana, o Salão Nacional de Arte Moderna, em que comparecem artistas de todo o País, nas seções de pintura, desenho, gravura, escultura, artes decorativas, desdobrando-se a competição pela importância dos prêmios que confere, entre os quais os de Viagem ao Exterior, que são os mais ambicionados pelos artistas que desejam aperfei-



Xilogravura de Dorothy Bastos, selecionada para a Segunda Bienal de Paris

coar-se em estudos na Europa e nos Estados Unidos. O júri de seleção, formado pelo crítico e professor de História da Arte, Carlos Cavalcanti, pintor Bustamante de Sá, e pelo crítico paulista Geraldo Ferraz, deverá, a seguir, à inauguração, proceder à premiação dos artistas concorrentes. Entretanto, só após a homologação da escolha, pelo ministro da Educação, é que os premiados serão conhecidos.

## Gaston Bertrand na Sistina

Desenhos e aquarelas de Gaston Bertrand se acham expostos na Galeria Sistina, desde terça-feira última. Apresenta o artista, nesta individual, pois Bertrand já esteve presente em duas Bienais, na representação da Bélgica, o crítico Geraldo Ferraz.

## Festival de Berlim: três retrospectivas

BERLIM, 17 (AFP) — O XI Festival Internacional de Cinema de Berlim será iniciado no dia 23 de junho com "Romanoff e Julieta", de Peter Ustinov. Durante este festival, que durará até quatro de julho, se realizarão três retrospectivas consagradas ao alemão Richard Oswald, ao norte-americano Billy Wilder e ao japonês Akira Kurosawa, que há dez anos revelou com "Rashomon" o cinema de seu país no exterior.

## Artes plásticas

## Trabalhos mediocres premiados no Salão

Percorrendo-se o X Salão Paulista de Arte Moderna, fica-se com a impressão de que a pintura "reconhecida" se distribui entre os abstratos e os concretos, o que, evidentemente, não passa de uma condescendência do júri. Neste, apenas Mauricio Nogueira Lima seria capaz de levar o júri ao cruel resultado a que chegou. O maior prêmio coube a Arnaldo Ferrari, com um ortogonal por inteiro desimportante, como costumava dizer Mario de Andrade. Prêmio inconcebível, perfilhando a palavra ouvida ao acaso da visita, na reação de um juízo crítico anônimo. Verdadeiramente inconcebível. Como inconcebível é caber a Luiz Sacilotto, pela "Concreção 6146", o Prêmio Governador do Estado. Uma folha de alumínio, cortada e dobrada, e está criada uma obra de arte! Não vamos criticar esses dois mediocres trabalhos, o do pintor e o do escultor, que mal se justificariam apenas para expor. Outro pintor premiado com grande relevo (Prêmio Governador do Estado) é Thomaz Perina, que está no mesmo caso de concretismo descabelado.

O júri, inexplicavelmente, já que tinha dado tantas provas de displicência, acertou nos prêmios menores, como na concessão da pequena medalha de ouro a Leopoldo Raimo, inegavelmente, um pintor em ascensão, tanto no grande quadro "Imensidão" como no "Terra azul", plenamente resolvidos. E' pena que o júri ignorasse a boa pintura de Fukushima, o notável "Pintura G", que põe para trás tudo o que o pintor apresentou na sua exposição do Museu de Arte Moderna. Salvou-se o júri ao atribuir a grande medalha de ouro a Sanson Flexor. Enquanto é discutível a grande medalha de prata atribuída a Odetto Guerzoni, pelo "Homem subjugado". Mais merecida foi a atenção dada a Netecci que obteve a medalha de prata com "Triste recordação", o melhor de seus dois trabalhos. Incidindo em erro maior, o júri ignorou o caso de Ismenia Coaracy, em melhor evolução, assinalada pelo quadro "Infinito VII", enquanto Lothar Charoux

com os "Quadrados inseridos" chegou até a aquisição, prêmio também na área do concretismo, que obnubilou a visão do júri. Não acertou o júri na aquisição de José Gamarra, preferindo o quadro mais fraco.

Entre tantos equívocos, Maria Polo, mal representada por dois quadros regularmente fracos, quando ela se acha em excelente fase de trabalho, recebeu a pequena medalha de prata. Também não estamos de acordo com o critério que premiou o desenho insofrido ainda de Anesia. Agiu, entretanto, melhor, com Acacio Assunção, e mesmo com o ingenuo sacro de Raimundo Oliveira. O prêmio aquisição para Nelson Leirner ainda foi menos acertado, pois sua outra textura é muito superior à escolhida. Na gravura, Miriam Chiverini defendeu bem a atenção que lhe dispensou o júri, em seus dois "Divertissement". E' uma boa demonstração de gravura como deve ser entendida. Decio Ferreira, igualmente, apresenta gravura merecedora de atenção, o que o júri reconheceu. O erro do júri está flagrante na pesquisa falhada de Mona Gorovitz, com suas "Formas cromáticas".

A margem das premiações, é lamentável que o júri não tivesse de maneira alguma considerado o enorme esforço renovador efetuado por Aldo Bonadei, dono talvez da melhor pesquisa levantada neste Salão, cujo quadro "Crivo" se apresenta de maneira inusitada com o seu colorido iluminado e transparente. Não entendemos porque o catálogo não mencionou na gravura o trabalho de Dora Basilio, "Candeia" e "Carro", também merecedores de atenção. E a "Natureza morta n.º 39", de Douglas Marquês de Sá mereceria igualmente uma consideração. Registremos a evolução de Maria Antonieta de Souza Barros, nas suas "Metamorfoses". Registre-se, igualmente, a pesquisa seria de Thomaz Ianelli, com "O menino e a lampada" e "Natureza morta".

Até aí, uma rápida visita a este Salão, que apresenta uma bela ilustração da pintura paulista, no ano da VI Bienal, com ausência total de escultura.